



# de profundis

Leonardo Araújo



gueto editorial

# De profundis

Leonardo Araújo



**selo gueto editorial**

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins  
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Leonardo Araújo, 2020**

**Coleção #breves | Livro 17**  
Selo Gueto Editorial ® 2020

**Edição e projeto gráfico**  
Rodrigo Novaes de Almeida

### **Contatos**

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| [editorgueto@gmail.com](mailto:editorgueto@gmail.com) |

### **Licença**

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro dezessete

⓪

Gabriele acordou no meio da noite.

Pela janela do quarto, a lua nova entrava com preguiça. Os ventos haviam desaparecido completamente da cidade, tornando a madrugada quase tão quente quanto o dia. O ventilador girava suas pás preguiçosamente, dando sinais de que não duraria. Mais uma entre as coisas que pediam conserto. Sua vida entre elas.

Com a vista ainda embaçada, ela conseguiu distinguir um minúsculo ponto de luz na escuridão e estendeu a mão para alcançá-lo. Ao ser despertado, o telefone emitiu um clarão que a cegou por alguns instantes. Eram três da manhã e não havia mensagens. Enquanto se perguntava aonde teria ido parar o sono, levantou-se para ir ao banheiro. O telefone na mão direita, e o coração que batia lento.

Sentou-se na privada e, com o polegar, foi passando as fotos mais recentes das pessoas a quem seguia. O barulho do mijo batendo contra a água durou exatos dez segundos, ao final dos quais levantou a calcinha, que não demorou a ficar molhada. Antes de voltar à cama acendeu a luz do banheiro para olhar seu rosto comum. As rugas começavam a aparecer, fazendo com que seu sorriso fosse emoldurado por um leve bigode chinês. Os cabelos, em compensação, andavam bonitos como nunca, desde que resolvera seguir as dicas de uma blogueira de cachos.

Embora Gabriele só fosse entrar no trabalho dali a cinco horas, arrumava-se como se estivesse prestes a sair, tentando encontrar uma melhor posição para os fios que teimavam em cair por cima dos olhos. Foi então que sentiu uma coceira leve, quase imperceptível, na parte de trás da coxa direita, um palmo acima da articulação do joelho. Passou a mão suavemente em sua pele, evitando utilizar as unhas para não irritar ainda mais a área, já um tanto avermelhada. A coceira certamente tinha sido provocada pelos mosquitos que se multiplicam aos milhões no verão.

Foi até o banheiro da amiga com quem dividia o apartamento e procurou algum creme que pudesse utilizar, evitando assim que a reação alérgica

piorasse. Nela, as picadas de mosquito facilmente viravam pequenas lesões que coçavam por dias.

Depois de aplicar a pomada, Gabriele voltou para cama e ficou mexendo no celular por mais meia hora, até que o cansaço tomou conta de seu corpo outra vez, fazendo com que adormecesse profundamente. Só tornou a despertar com o alarme avisando que já era hora de cuidar da vida. Sentindo o corpo um pouco pesado da noite de sono mal dormida, ligou o chuveiro e considerou por alguns instantes se molharia ou não os cabelos. O tempo estava contado e ela não podia se atrasar de novo. Os cortes na agência em breve poderiam chegar até ela e era bom que tomasse bastante cuidado. Se perdesse aquele emprego, que não lhe dava nem carteira assinada nem direito a férias, Deus sabe como pagaria a fatura do cartão que não parava de aumentar.

Não precisou fazer muita força para se enxugar porque o sol lá fora voltara a trabalhar a todo vapor, transformando o quarto numa pequena estufa. Logo, os sovacos, que gostava de deixar ao natural, ficariam com aquele cheiro de suor de que seu ex gostava tanto. Houve uma época em que o homem só conseguia gozar com o nariz enfiado neles. Ela achava aquilo engraçado, mas assentia, pois sabia que todo mundo tinha suas esquisitices. Além do mais, apesar de fotógrafo, não havia sido dos piores que lhe passaram pela vida.

Vestiu uma calça jeans, calçou as sandálias que ganhara da mãe de Natal, engoliu um café com torradas e foi esperar o ônibus que não demoraria a passar, regurgitando os passageiros por todos os seus buracos, prestes a detonar uma grande explosão de carne humana. Ela prendeu a respiração ao entrar, segurando com todas as forças as barras de ferro no interior veículo.

No trabalho, a mesma ladainha de sempre a impulsionava a cumprir metas que não eram suas. A vida era mesmo complicada. O que uma mulher como ela precisava fazer para ter o que merecia? Gabriele costumava jogar essa pergunta para o alto, mas todas as vezes ela caía pesada sobre sua cabeça, deixando-a zozna. Ultimamente, vinha considerando quanto mais poderia suportar os olhares gulosos dos homens da firma, pousados como pássaros

gordos sobre o jeans colado em suas pernas. As coxas grossas eram herança da avó, assim como sua habilidade com as palavras.

Essa consciência a fez sentir novamente uma leve coceira na região da picada. Agora a sensação de prurido aparecia com mais intensidade e, ao levar a mão à coxa, pode sentir uma pequena elevação, evidente mesmo debaixo da calça. Com as unhas, Gabriele tentava se dar um pouco de alívio, mas sempre passageiro. Antes de voltar para casa teria que passar numa farmácia e comprar uma pomada anti-inflamatória.

As horas passavam rápidas. O volume de trabalho e a demanda por rapidez, gentileza e eficiência no trato com os clientes a faziam esquecer até do próprio nome, quanto mais de algo tão insignificante quanto a picada de um mosquito. Lembrou-se do mar e da distância entre eles. Se pudesse caminhar na mesma velocidade da índia Iracema, que ia da lagoa da Messejana à bica do Ipu no espaço de um dia, voltaria antes que dessem por sua falta na agência. O sal ajudaria a cicatrizar o hematoma na perna, além de outros machucados menos visíveis que trazia por dentro.

Nesse dia, não conseguiu sair do trabalho antes das nove. Mais uma vez teve que fazer hora extra, pois o expediente não fora o bastante para o tanto de coisas que pediam sua atenção. Todo esse esforço, no entanto, servia apenas para engordar a conta bancária do chefe — um homem de meia idade com uma fixação grave por sapatos mocassim e Cialis. Uma vez, Elzinha, a moça que fazia a limpeza, confidenciou à Gabriele ter encontrado na gaveta do patrão pelo menos dez caixas do medicamento. Agora, toda vida que ele fazia alguma insinuação da grandeza de seus predicados masculinos, Gabriele precisava se esforçar para não ter um frouxo de riso.

Chegou à farmácia pouco antes de seu fechamento e voltou para casa com a pomada, a qual esfregou na perna até que o branco se fizesse transparente. Com o problema resolvido, foi à cozinha preparar qualquer coisa só para preencher o vazio que lhe doía o estômago. A amiga estava ao pé da pia, lavando o resto de louça que ficara do almoço. As duas trocaram uma

impressão rápida de como havia sido o dia e a mulher contou à Gabriele sobre o *match* que dera com uma tatuadora, logo ela cuja maior aventura na vida, até ali, fora sair da casa dos pais. Apesar de não terem aparentemente nada em comum, a conversa estava rolando suave e o encontro parecia próximo. A amiga lhe pedia conselhos para se livrar de seu ar acadêmico e impressionar a garota.

Gabriele deitou-se na cama sem dar conta de si e dormiu um sono pesado. Quando tornou a abrir os olhos surpreendeu-se com a ausência de luz lá fora. Ao olhar o relógio viu que ainda eram três da manhã e que a coceira e a vermelhidão do hematoma não haviam diminuído. Ao contrário, estavam até mais acentuados do que antes. Ela achou esquisito, mas resolveu não dar bola. Devia ser assim mesmo. Pegou o celular para ver se alguém havia falado com ela. Viu uma mensagem da mãe perguntando se almoçariam juntas no domingo, mas obviamente não respondeu. Havia uma outra perguntando sobre coisas do trabalho. Correu o polegar pelas fotos tomando o cuidado de não curtir nenhuma. Afinal, não queria que pensassem que fosse louca ou carente.

Os dias foram se desenrolando normalmente e a semana correu rápida como uma flecha. De novidades apenas duas: um carinha havia curtido umas fotos suas antigas, o que costumava ser sinal de interesse. Olhando seu perfil, descobriu que ele trabalhava com tecnologia da informação e que gostava de filmes de terror. Não era bonito, até feio na verdade. Mas a essa altura, Gabriele não estava mais à procura de uma pessoa que virasse sua cabeça ou que lhe promettesse um mundo de aventuras. Só queria alguém com uma inteligência mediana, que não lhe enchesse o saco, fodesse gostoso e, se possível, ainda ajudasse com as contas.

A outra novidade é que o relevo, provocado pelo que até então considerava ser a picada de um mosquito, foi diminuindo até desaparecer por completo de sua perna, assim como a coceira. No lugar, uma mancha rosada formava um círculo perfeito, de mais ou menos três centímetros de diâmetro.



Nada que não passasse com tempo, ela pensava. Devia ser apenas seu corpo se livrando dos efeitos de uma reação alérgica forte. Com esse pensamento, não tornou a dar conta da marca.

Fazia o que podia para continuar na agência, sempre sob a ameaça de novos cortes. No entanto, a tão propalada crise, que deixava os funcionários em um estado de tensão permanente, não impediu que o chefe comprasse um carro ainda maior que o anterior, o qual exibia desavergonhadamente, para a inveja dos outros homens, subjugados pela potência metalofálica da máquina importada. Em casa, as contas iam se multiplicando, a ponto de Gabriele ter que engolir o orgulho e pedir uma grana emprestada à mãe. Se continuasse a pagar o valor mínimo da fatura do cartão, em pouco tempo ficaria com uma dívida tão grande que nem a venda de um órgão poderia quitar. Recentemente, tinha lido uma matéria sobre um adolescente chinês que trocou um dos rins por um *Iphone*. Imaginou-se fazendo o mesmo, embora não fosse mais nenhuma garota.

Nesse tempo, a paquera com seu pretendente virtual passou da troca de curtidas para a troca de mensagens. Gabriele descobrira que o rapaz havia sido o primeiro da família a se formar e que trabalhava no Centro, não muito longe da agência. O ponto negativo, por outro lado, é que ele ainda morava com os pais, num bairro muito afastado. Poderia parecer precipitado pensar nisso, mas se aquilo fosse pra frente os gastos com deslocamento teriam que ser considerados. Enquanto isso não acontecia, contudo, o rapaz, que se chamava Kléber, achou por bem tomar a iniciativa e a chamou para comer um hambúrguer no intervalo do almoço. Gabriele aceitou. No encontro, descobrira que ele cheirava bem e tinha a voz macia, embora ao falar engolissem algumas sílabas, fazendo com que precisasse ficar atenta para não perder nada da conversa.

A cabeça ocupada com as demandas do trabalho e o coração preenchido com o que poderia virar um namoro fizeram com que Gabriele demorasse a perceber que a mancha sumira por completo de sua perna. Apesar disso, uma

leve depressão, de mesmo diâmetro e circunferência, apareceu no lugar. Era tão pequena que a mulher só foi perceber sua existência duas semanas depois, quando já estava com cerca de meio centímetro de profundidade. “O que poderia ter acontecido?”, ela se perguntava, já que não havia quaisquer sinais dos sintomas anteriores. Kléber, de tão distraído, sequer havia notado o fato ou, se notou, preferiu calar, na primeira vez em que transaram. O pensamento de que o quase namorado pudesse ter percebido a existência daquele defeito a deixou em pânico. Temeu ser abandonada por ele a qualquer momento. Kléber parecia não ser um desses filhos da puta que há por aí, mas, apesar disso, ela sabia por experiência própria que não podia baixar a guarda. Por isso, tratou de marcar uma consulta com o dermatologista o quanto antes, para tentar reverter o processo se ainda fosse possível. Logo ela que tinha as pernas tão bonitas.

Enquanto a situação não se resolvia, Gabriele achou por bem não contar nada para Kléber tampouco para a mãe, cuja preocupação e ansiedade excessivas acabavam sempre fazendo mais mal do que bem. Ela só comentara o fato com sua companheira de apartamento, a qual não lhe deu muita atenção. Nos dias que antecederam a consulta, Gabriele não conseguiu evitar de procurar na internet possíveis explicações para o que poderia ter lhe acontecido. Tudo o que descobriu, no entanto, fora uma reportagem sobre um homem que teve parte do braço comido, em decorrência de uma alergia muito forte a uma tatuagem.

Tantas incertezas fizeram com que Gabriele adquirisse uma verdadeira paranoia em relação a mosquitos. Se cada picada representasse um novo buraco, em pouco tempo pareceria um queijo suíço. Calças compridas, repelentes e raquetes mata-mosquitos passaram a fazer parte de sua rotina, assim como evitar transar com a luz acesa.

No dia marcado, Gabriele chegou à clínica bem antes do horário, pouco importando que a consulta tivesse caído no meio do expediente, tamanha era a pressa em descobrir o que se passava com ela. Enquanto esperava, ia tentando

construir a narrativa perfeita da doença, repassando-a continuamente, de modo a não deixar de lado o mais ínfimo detalhe que pudesse contribuir para a produção do diagnóstico correto. Por amor à precisão, embora não soubesse ser aquele um fato relevante, decidiu-se por contar à médica que, desde o início de seu caso, não importava o quanto tivesse bebido ou estivesse cansada, passara a acordar sempre na mesma hora.

Ao entrar no consultório, passou a falar mecanicamente, como se recitasse um texto previamente decorado. Em seguida, a médica pediu-lhe que abaixasse as calças para avaliar seu quadro clínico, enquanto lhe fazia algumas perguntas. Por estar de costas, Gabriele não pode ver a cara de surpresa que a mulher fez ao examinar o que ia se parecendo cada vez mais com um buraco, agora com quase um centímetro de profundidade. “Não há sinal de infecção, pus ou inflamação”, falou, ao tocar-lhe o fundo com a ponta do indicador. Sua firmeza, consistência e simetria a fez pensar tratar-se de algo produzido cirurgicamente, mas quem em sã consciência faria um buraco na própria perna? Confusa, após o exame clínico, mediu a pressão e a temperatura corporal da paciente, tendo obtido resultados normais. Sem saber o que fazer, a médica passou uma bateria de exames de sangue, a fim de investigar mais a fundo a possibilidade de alguma infecção, e, ao final da consulta, pediu que Gabriele retornasse assim que tivesse o resultado em mãos. E que não se preocupasse, não deveria ser nada demais. Se quisesse, ela mesma poderia fazer um preenchimento da área afetada com ácido hialurônico. O resultado era garantido.

O pouco caso feito pela médica e a ausência de dor não conseguiram deixar Gabriele mais tranquila. A cavidade tinha crescido mais quase meio centímetro desde o dia da consulta. Se ela continuasse evoluindo naquele ritmo, em pouco tempo, mesmo levando em conta a grossura de suas pernas, chegaria até o fêmur. Então o que seria dela? Pensava em ignorar o retorno à dermatologista e se internar por conta própria em um hospital, até que descobrissem o que diabos havia de errado. Mas como, se não tinha dinheiro

nem para pagar as contas do mês? Nessas horas de maior aflição, o que lhe restaurava um pouco da sanidade era lembrar que, fora a misteriosa condição que acometera sua perna, nunca se sentira melhor de saúde. Até as cólicas menstruais, que às vezes chegavam a lhe deixar de cama, além de causar enjoos e dores de barriga, haviam desaparecido. Sua disposição para as atividades do dia também melhorara, assim como os sintomas de refluxo, mesmo não tendo diminuído em nada o consumo abusivo de cigarros e café. E embora fizesse mais de um mês que não dormia sem interrupções — sempre às três da manhã, algo em seu corpo, como um chamado, pulsava tão forte que nem as gotas de Rivotril nem os comprimidos de Diazepam conseguiam suplantá-lo — havia dias em que sentia tanta energia circulando em seu corpo, que pensava poder correr uma maratona no meio da noite.

O silêncio de Kléber a respeito de sua perna vinha se tornando cada vez mais incômodo, a ponto de chegar a desejar que o enlace entre os dois terminasse. Tudo era melhor que aquela expectativa escrota de rejeição. Ainda assim, o homem parecia continuar não fazendo caso de nada. Ou então ele realmente gostava muito dela, a ponto de ignorar o que lhe tinha acontecido. Ainda assim, Gabriele resolveu que não seria a primeira a levantar a questão, pois aquele relacionamento era a única coisa que a permitia manter a vida minimamente nos eixos.

Nem o retorno da consulta nem os exames foram mais reveladores de sua condição, porque, mais uma vez, os resultados vieram absolutamente normais. Mais que isso, suas taxas estavam tão boas que, não fosse o buraco na perna que continuava aumentando, a médica poderia jurar que Gabriele viveria até os cem anos. Depois de olhar os exames, pediu que a paciente baixasse as calças para que pudesse ver a evolução de seus sintomas. Dessa vez, o indicador entrara até a segunda falange, o que não era bom sinal. Ainda assim, a cavidade continuava limpa e sem qualquer sinal de infecção ou inflamação. Suas bordas eram consistentes e a base não apresentava lesão alguma. Ao contrário, era macia como a pele de um bebê. A médica pigarreou antes de

comunicar-lhe que teria de encaminhá-la a um clínico geral, já que o caso, ao que tudo indicava, não era de sua competência. Certamente, com mais outros exames, tudo seria desvendado e Gabriele não teria com o que se preocupar. Era bom, no entanto, que não se demorasse, pois o quadro estava avançado rapidamente. Não repetiu a oferta do procedimento estético de preenchimento, porque, naquele estágio, o caso se tornara cirúrgico.

Gabriele saiu do consultório arrasada e não pode mais conter o terror de que aquele maldito buraco continuasse crescendo, tomando seu corpo por inteiro. Já nem se importava mais em passar o resto da vida acordando às três da manhã, contanto que descobrissem que doença era aquela que havia se instalado em seu organismo, muito embora o maior prejuízo até aquele momento fosse puramente estético. Nem dificuldade para andar Gabriele sentia. Seu corpo parecia forte como nunca, apesar das longas horas sentadas e da alimentação cada vez mais desregrada, em virtude do estado atual de seus nervos. Os cigarros também se multiplicaram e, se antes fumava uma carteira por semana, agora muitas vezes entrava pela segunda no mesmo dia.

As pessoas no trabalho começavam a notar as mudanças em seu comportamento. Antes simpática, apesar de sempre na sua, Gabriele passou a adotar um semblante grave e soturno, limitando-se a responder o que lhe perguntavam. Não fazia mais questão de trazer as roupas limpas e as unhas já iam pela metade, de tanto roer. Sabia que estava metendo os pés pelas mãos e que se continuasse daquele jeito não demoraria a ser demitida. Pensou mesmo em pedir as contas da agência e voltar a morar com a mãe, pelo menos enquanto sua situação não se resolvia. A essa ideia, contudo, sempre se seguia um choque violento, ao imaginar-se o dia inteiro entregue aos cuidados sufocantes da mulher e à culpabilização pela condição que lhe acometera. Não, seria insuportável demais. Preferia pagar pra ver.

O avanço de sua condição fez com que Gabriele voltasse a procurar a amiga, apesar de ela sequer se dar o trabalho de saber como estava, ocupada demais com sua pesquisa e com a tentativa de conquistar o coração da

tatuadora. Porém, um dia, voltando do trabalho, Gabriele não aguentou mais guardar aquilo tudo para si e acabou desabafando, aos prantos, com a companheira de apartamento. Ela ouvia Gabriele sem saber o que dizer, quando teve a ideia de pedir para ver como estava sua perna. “Amiga, dá pra colocar um limão inteiro aí dentro”, foi tudo que ela conseguiu falar, fazendo com que o choro de Gabriele viesse com força. Ao menos, dessa vez, ficou preocupada o suficiente para ajudá-la com a marcação dos exames e das consultas, já que Gabriele continuava resistindo, com todas as forças, a pedir a ajuda de Kléber.

Os dois almoçavam juntos quase todos os dias, e as noites de sábado, passadas no apartamento de Gabriele, tornaram-se corriqueiras. Kléber era tímido e às vezes parecia uma pessoa sem iniciativa para as coisas. Convivendo mais assiduamente com ele, Gabriele chegou à conclusão de que o rapaz devia ter feito um esforço homérico para convidá-la a sair da primeira vez. Aliás, essa relação vinha sendo feita de esforços da parte dele. Era Kléber quem sempre lembrava de chamá-la para almoçar. Era Kléber quem atravessava a cidade para encontrá-la. Era Kléber quem suportava sua tristeza, por vezes difícil de disfarçar. Era Kléber quem aceitava a transa às escuras, apesar de seus olhos suplicarem pela imagem do corpo de Gabriele. Era Kléber quem não perguntava nada. Ela se sentia culpada, mas era tudo o que podia dar naquele momento. Às vezes, chegava a desejar que o homem sumisse de sua vida.

O amor é mesmo feito de circunstâncias. Fosse em outros tempos, ela tinha certeza de que já teria dado um pé do na bunda dele. Afinal, Kléber era o oposto de todos os homens que, até ali, haviam atraído seu desejo. Não pedia nada, era compreensivo e calmo. Engajava-se nos assuntos que ela conseguia puxar, quando seu ânimo estava melhor e o buraco que crescia em sua perna parecia apenas um sonho ruim. Era de uma previsibilidade entediante, mas era tudo com o que Gabriele podia contar em sua vida agora. Tudo o que conseguia fazê-la seguir.

Havia uma cena em especial cuja lembrança sempre aquecia seu coração.

Gabriele começara a sentir pânico de baratas. Elas sempre fizeram morada em seu apartamento, não porque fosse um lugar especialmente sujo, mas porque o prédio ficava ao lado de um terreno baldio. Por isso, costumavam aparecer à noite na cozinha e, mais raramente, nos ralos dos banheiros. Nada que uma chinela não pudesse resolver com prontidão. Às vezes, elas passavam meses sem aparecer, como se alguma força exterior cuidasse de seu controle populacional, mas havia dias que Gabriele contava duas ou três andando pela casa. Porém, o que antes era sentido como algo normal, quase um fato da natureza, era agora encarado com terror. A visão de uma barata passara a ser capaz de fazer Gabriele fugir para o quarto às carreiras ou para o lugar mais alto que pudesse encontrar. Tinha medo de que, enquanto estivesse dormindo, entrassem em sua perna. A ideia daquelas criaturas ansiosas maculando sua pele estava tirando o pouco da paz que ainda lhe restava. Por considerá-lo um problema de pessoas comuns — embora isso fosse ridículo, o fato de ser mulher lhe dava o direito de morrer de medo de baratas — Gabriele acabou comentando com Kléber que não sabia mais o que fazer para se livrar delas. Não demorou para que ele, tomando o cuidado de esperar pelo próximo sábado à noite, aparecesse em sua casa com a solução do problema. Nesse dia, Gabriele ficou surpresa ao se dar conta de que seu coração podia caber numa caixa de Raid ou numa lata de querosene.

Por meio da amiga, Gabriele obteve a indicação de um bom clínico. Foi o máximo que conseguiu dela, já que o rolo com a tatuadora ia ficando cada vez mais sério e não lhe sobrava muito tempo para outras coisas. Contando com um pouco de sorte, Gabriele conseguiu marcar a consulta para um sábado de manhã. Por temer receber alguma notícia desesperadora, achou por bem cancelar o encontro com Kléber à noite, inventando uma desculpa qualquer.

A consulta com o clínico, no entanto, terminou não sendo muito diferente de sua ida à dermatologista. Depois de narrar todo o histórico de seus sintomas, o médico pediu para olhar o que ele chamou de lesão, em uma área mais reservada da sala, e não conteve a surpresa ao ver na perna da mulher

uma cavidade tão limpa e perfeita, como se fizesse parte de seu corpo desde sempre. Examinou a região com cuidado e a pele respondeu a seu toque imediatamente, mostrando firmeza e consistência. Apesar de não ter consigo uma régua avaliou que a cavidade devia ter por volta de cinco centímetros, talvez um pouco mais, talvez um pouco menos.

E continua a crescer?

Sim, doutor — respondeu Gabriele, com a voz trêmula.

Há quanto tempo?

Dois meses.

Entendo.

Saiu de lá com cinco folhas de exames que levaram quase um mês para serem realizados. Como temia, a necessidade de se ausentar constantemente do trabalho, em virtude do problema de saúde, acabou provocando sua demissão. Era mais um duro golpe que a vida lhe dava. Nesse dia, ligou para Kléber aos prantos e, quebrando o protocolo, o homem foi parar em seu apartamento ainda no meio da semana, só indo embora no domingo à noite, quando ela já estava um pouco melhor.

Ao retornar ao médico, saiu com a certeza de que, primeiro, ele não tinha ideia do que fazer com ela e, segundo, que sua saúde estava melhor do que pensava e que provavelmente era não iria morrer. No pior dos casos, se o buraco continuasse crescendo, teria que aprender a conviver com a perna atravessada de lado a lado por um cilindro oco. Estranhamente, o membro continuava forte, talvez até mais do que antes, ela sentia, apesar da evidente perda de massa muscular provocada pelo aparecimento da cavidade. “Será preciso continuar investigando o caso”, ele disse. “Vou levá-lo a uma junta médica e no final da semana que vem minha secretária vai lhe retornar para marcarmos uma nova consulta”.

Gabriele passou os dias seguintes em um estado de apreensão controlada. Já não pensava mais nem em ficar boa, só queria saber o que tinha e se seu quadro continuaria ou não evoluindo. Mas nem isso os médicos puderam



afirmar. A verdade é que eles não faziam ideia do que estava acontecendo com sua perna. Apesar disso, na última consulta de acompanhamento, soubera que a cavidade parecia ter se estabilizado, não apresentando mais sinais de crescimento. Seu corpo parecia agora dar mostras de reação, o que era animador. Dali a alguns meses, se sua saúde continuasse boa e caso sua condição não avançasse poderiam até pensar em uma cirurgia que devolvesse à sua perna o relevo original.

Ficou surpresa com a notícia e, pode-se dizer, até feliz. Ela não fazia ideia do que poderia ter impedido o avanço da cavidade, mas pouco importava. Ainda assim não podia deixar de relacionar esse acontecimento a dois fatos antecedentes. As horas de sono voltaram a passar corridas, sem intervalo, fazendo com que acordasse apenas com a chegada do sol no quarto abafado. Mas havia outro fato, ainda mais curioso, que os médicos tinham escolhido ignorar. Às vezes, Gabriele notava uma secreção transparente escorrendo pelas bordas do buraco, liberando consigo um aroma adocicado que a fazia lembrar do cheiro de sua infância.

A essa altura já não guardava nenhuma esperança de que o furo tivesse passado despercebido a Kléber. Só se ele fosse cego ou louco. Como a relação dos dois estava rumando para algo sério — com a demissão de Gabriele, Kléber começara a ajudar com as contas do apartamento, pelo menos até que ela arranjasse outro emprego — considerou seriamente a possibilidade de contar-lhe tudo. Era um passo arriscado, porém ela não via mais sentido em continuar fingindo. Por isso, no sábado em que completariam quatro meses de relação, resolveu chamá-lo em seu apartamento e abrir o jogo.

Nesse dia, Kléber chegou meio esbaforido, pois o motor do ônibus quebrara a seis quadras da casa de Gabriele, e ele achou por bem fazer o resto do caminho a pé. Passando por um restaurante japonês, cuja existência só fora notar aquele dia, decidiu pedir sushis pra viagem, já que eram a comida favorita de Gabriele. Tocou a campainha duas vezes e esperou que a mulher atendesse. Gabriele sempre demorava um pouco a abrir a porta e sua amiga

quase nunca estava em casa. Ao ver a comida, Gabriele não sabia se sorria ou se chorava. Seus braços foram mais rápidos que sua boca e ela puxou Kléber para dentro, sem dizer palavra.

Enquanto ela foi ao quarto buscar uma liga para amarrar o cabelo, Kléber abria as portas dos armários, a fim de pegar copos e pratos, já íntimo do espaço e de sua lógica de organização. Quando Gabriele chegou à sala viu a mesa posta e a comida arrumada com cuidado. “Será possível que esse cara goste mesmo de mim?”, pensou. Sentou-se à mesa em silêncio, sentindo-se péssima por não encontrar a coragem de contar a Kléber algo que ele já devia saber há muito tempo. O medo foi maior, no entanto. A verdade entalada em sua garganta não deixou que ela comesse muito, apesar da fome que sentia, por não haver mastigado nada o dia inteiro. E se ele fosse embora e decidisse nunca mais voltar? Afinal de contas, quem em sã consciência aceitaria ficar com uma mulher com um buraco na perna, por onde era possível enfiar, com folga, o gargalo de uma garrafa de cerveja? Quem jamais iria querer ficar com ela? A tristeza dominava seus pensamentos, paralisando seus lábios.

O jantar transcorreu em silêncio, e o único barulho que se podia ouvir era o da televisão ligada na sala.

Por que você não diz nada? — Gabriele perguntou, não conseguindo mais se conter.

Tava lembrando de umas coisas, só isso.

Gabriele pensou em aproveitar o novo silêncio que se fez após a resposta de Kléber para lhe contar o segredo que tanto lhe afligia. Como se percebesse suas intenções, o homem se levantou da cadeira e levou-a pela mão até o quarto. Esse costumava ser o sinal de quando ele queria sexo. Apesar de estar longe de excitada, Gabriele sequer pensou em recusar aquele convite, pois sentia dever o mundo a Kléber. Apenas aceitou seu destino como um condenado que tivesse desistido de fugir. Só pedia que acabasse logo e que ele fosse embora dali o quanto antes.

Ao chegarem ao quarto, como num reflexo, Gabriele apagou a luz, para evitar que o homem visse o motivo de sua vergonha. Mas dessa vez toda a passividade que ele até então demonstrara se transformou em uma resistência ativa, e assim que ela virou o interruptor para baixo, Kléber tratou de reverter sua posição, fazendo com que a luz no quarto brilhasse intensa, revelando aspectos do lugar que ele desconhecia. Nas paredes havia desenhos de mulheres muito altas e esguias, vestidas com roupas modernas e coloridas, como se tivessem saído direto de um editorial de moda. Percebeu também a presença de uma pequena estante cheia de livros policiais, encimados por três porta-retratos com fotos de gatos. Notou também algumas peças de roupas jogadas pelo chão, por sobre as quais formigas caminhavam apressadas.

Gabriele lançou-lhe um olhar assustado, como se quisesse saber o que ele estava fazendo. Kléber apenas sorria, breve. Ele sabia e queria ver com os próprios olhos o buraco em sua perna, Gabriele pensou, de onde sentia agora escorrer o líquido adocicado cujo aroma lhe fazia mal. Sentiu vergonha e fez menção de se levantar da cama para voltar a apagar a lâmpada, mas foi impedida pelo corpo pesado de Kléber caindo contra o seu. O homem beijou os lábios de Gabriele com vagar, tentando vencer sua resistência. Enquanto isso, ela tentava se conformar com o desenrolar trágico daquela cena, ameaçadora e humilhante. Já não tinha mais forças, porém. Entregue, não tentou mais resistir aos avanços de Kléber que ia lhe tirando a roupa, peça por peça, fazendo com que a língua marcasse o caminho de seu desejo crescente. O frio que Gabriele sentia na barriga a fez se contorcer de dor. Ao perceber que Kléber a colocava de barriga para baixo, pensou que fosse desmaiar. Tudo o que pode fazer foi sussurrar um “não” trêmulo, percebendo que perdia as forças.

De costas para o homem, seu coração batia assustadoramente rápido, à espera do barulho insuportável da porta se fechando atrás de si, a marcar uma despedida sem palavras. No entanto, o som, cuja proximidade lhe ameaçava tirar o juízo, jamais veio, e tudo que Gabriele pode sentir foram os lábios

quentes e macios de Kléber beijando-lhe as costas, depois a bunda, descendo pelas pernas, como se elas não passassem de uma parte inteira de si. Seus olhos, antes arregalados pela tensão, foram enfim relaxando pela confiança recém-adquirida de que o homem não iria mais embora. Gabriele então adivinhou o barulho de suas calças se abrindo e o sutil ruído das roupas de Kléber caindo no chão. Sem aviso, ele começou a deslizar o pau pela bunda de Gabriele, depois pela boceta, terminando por encostá-lo perigosamente nas bordas do buraco, localizado na coxa direita, a um palmo da articulação do joelho. Ao final, penetrou-o cuidadosamente, como se houvesse esperado desde sempre por aquele dia.

Nesse instante, os olhos de Gabriele se fecharam; seu rosto contraído num sorriso mudo.

**Leonardo Araújo** é cearense, psicanalista e doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Escreve contos.



**selo gueto editorial**

este projeto digital é destinado a correr livre na rede  
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo